

Altina Ribeiro

Dona Zezinha

*A vida singular de uma professora
durante o Estado Novo*



Ficha técnica

Título: Dona Zezinha – A vida singular de uma professora durante o Estado Novo

Autora: Altina Ribeiro

Versão original: *Dona Zézinha - La vie peu ordinaire d'une institutrice*

Tradução: Altina Ribeiro

Fotografia: Altina Ribeiro | Carlos Alexandre

Design e paginação: Editora Alma Letra

www.almaletra.pt

www.facebook.com/AlmaLetraEdicoes

info@almaletra.pt

ISBN: 978-989-9140-27-1

1ª edição, Viseu, agosto 2025

Depósito legal:

Prefácio

Com Dona Zezinha, Altina Ribeiro continua o gênero literário de que tanto gosta, a escrita biográfica. A história aqui contada resulta do testemunho de Carlos Alexandre de Oliveira Araújo, que chegou a França em 1969, com dezoito anos. Através de um profundo exercício de reconstituição de memória, ele evoca, sob os passos da pena de Altina Ribeiro, o itinerário atípico da sua mãe, Maria José de Oliveira, professora, mais conhecida por Dona Zezinha que, no crepúsculo da sua existência, passou a ser chamada Madame Araújo. Além disso, através desta história, tingida de esperança, orgulho e amargura ao mesmo tempo, descobrimos as relações difíceis entre mãe e filho, num contexto feito de interrupções sucessivas.

Órfã de pai aos quatro anos, Zezinha vive na pensão da sua madrinha, no Sabugal, a nordeste de Portugal, uma região com paisagens áspers. “Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve”, assim as descreveu o escritor Miguel Torga.

Zezinha gosta de ouvir as histórias e aventuras contadas pelos residentes. Lê muito. Aos doze anos, passa o exame da quarta classe. Já em casa, as críticas e insultos são permanentes.

– Miserável órfã! – chamava-lhe por vezes a mãe, que era demasiado rígida com ela, o que provavelmente explica a personalidade um pouco ríspida de Zezinha.

Apesar das dificuldades que teve de enfrentar, aos vinte e cinco anos é nomeada professora e percorre aldeias para exercer a sua profissão. Inteligente, curiosa e corajosa, ajuda também a organizar as festas locais e a tratar doentes. Tanto a sua hierarquia como os pais dos alunos enaltecem o seu trabalho. Doravante, chamam-lhe Dona Zezinha. Orientada pelos valores que dominavam o regime de Salazar, a família, a moral cristã e a autoridade, adquiriu o cartão da Legião Portuguesa.

Em 1951, com o nascimento do filho, Carlos Alexandre, Dona Zezinha abraça uma nova etapa da sua vida. Obrigada a deslocar-se frequentemente de uma aldeia para outra, em virtude das atribuições sucessivas, e pouco apoiada por um marido ausente, Zezinha teve de educar o filho sozinha. Aspirando a que ele fosse o melhor, aplicava castigos e humilhações para alcançar o seu objetivo. Alexandre suportava tudo, nem sempre passivamente. Zezinha não agia por instinto, os seus atos eram conscientes, o seu sofrimento aceite e a sua devoção sem limites. Estaria Alexandre consciente desta abnegação?

Após o ensino da escola primária, Zezinha manda-o para o seminário de Beja, desejando que seja, um dia, padre. Mas, pouco motivado, Alexandre é expulso. Durante esse tempo, o seu pai, Raúl, deixa Portugal a salto e é acolhido por amigos no *bidonville* de Champigny-sur-Marne, na região parisiense, como milhares de compatriotas, à procura de um futuro melhor. A emigração para França está em pleno desenvolvimento e as aldeias portuguesas despovoam-se.

Alexandre tem já treze anos quando a mãe consegue inscrevê-lo num grande colégio privado na Guarda, um internato dirigido com mão de ferro por padres. Entre contendias e castigos, entre leituras de revistas “pouco católicas” ou a escuta, às escondidas, de uma estação

de rádio proibida que apresentava a sua versão sobre a guerra colonial em África, Alexandre continua os estudos secundários. É também a fase das primeiras paixões, especialmente a que lhe despertou o sorriso e os cabelos loiros como o trigo de Rosinha, a filha da padeira...

Apesar da sua adesão à ideologia do regime, Dona Zezinha não deseja que o filho cumpra o serviço militar e que seja enviado para África. Decide então mandá-lo viver com o pai, em França. Assim, em julho de 1969, após uma passagem da fronteira entre Portugal e Espanha cheia de aventuras, Alexandre chega a Paris.

*

* * *

Cinquenta anos após a odisseia da emigração para França, os portugueses sentem necessidade de exprimir histórias vividas, durante muito tempo escondidas, dado que a emigração nem sempre foi bem aceite. A história apresentada por Altina Ribeiro, contando o trajeto de Dona Zezinha e do filho, Carlos Alexandre, é o exemplo perfeito. Cada um dos percursos individuais traçados pelos vários autores de histórias como esta é, sem dúvida, a força de uma memória coletiva. Neste sentido, podemos dizer que *Dona Zezinha* não é apenas uma narrativa biográfica, mas também um livro de história.

Podemos observar igualmente que alguns autores escrevem na língua de origem (português) e outros na língua de chegada (francês), dependendo da idade com a qual deixaram o seu país, adultos ou mais novos, como é o caso de Altina Ribeiro, que chegou a França com nove anos de idade. Outros autores que conseguiram dominar uma

forma de bilinguismo escrevem nas duas línguas, na língua materna, quando querem expressar sentimentos íntimos, e em francês, quando evocam aspetos de ordem social referentes à realidade diária do país de acolhimento. Neste caso, podemos dizer que a linguagem não é somente o código, é também a socialização.

De qualquer modo, para que um testemunho tome a consistência de uma história, a operação da escrita deve acomodar-se de certas exigências estilísticas e formais, o que Altina Ribeiro foi capaz de fazer com facilidade. O leitor irá apreciar o seu estilo esparso, o seu rigor na construção da história e o realismo com o qual ela se apropria das suas personagens, com retratos físicos e psicológicos justos. Além disso, a inserção de fotografias contribui para que o testemunho seja mais vivo e, simultaneamente, enriqueça a memória documental.

Zezinha e Carlos Alexandre, mãe e filho, são as personagens centrais da narrativa. Espontaneamente ou pela força dos eventos, desde muito cedo, os dois são empurrados de uma aldeia para outra e acabam por enveredar pelo caminho da emigração. Podemos ver como Altina Ribeiro dá, progressivamente, corpo a estas duas personagens reais e à sua história. Professora brilhante, mãe lutadora, com personalidade forte, Zezinha debate-se com o caráter rebelde e, por vezes, solitário do filho. Pouco a pouco, as relações entre eles deterioram-se e encadeiam-se como um círculo vicioso onde Zezinha não admite nenhuma lacuna, recusando qualquer tipo de disciplina que não se relacione com uma educação cristã rigorosa. De origem social modesta (avô cocheiro), casada com um filho de notáveis, Zezinha será incapaz de obter um lugar respeitado nesta sociedade rural burguesa entre a Guarda e o Sabugal, apenas com o estatuto de professora.

Como no seu primeiro livro, *O Fado como Única Bagagem*, um

relato autobiográfico, Altina Ribeiro confere um lugar de destaque à escola e ao ensino nesta região, onde a percentagem de analfabetismo no meio rural chegou aos setenta por cento.

Sem densificar a história, especialmente nos primeiros capítulos, Altina Ribeiro retrata-nos, com muita simplicidade e sensibilidade, a paisagem e a vida nas aldeias do nordeste de Portugal entre 1910-70. Através da sua escrita, as cenas do quotidiano ganham vida e vemos emergir, com os eventos narrados, o cocheiro, o padre, o médico, os notáveis, os contrabandistas, etc. Por vezes, quando essas personagens se cruzam, a autora não perde a oportunidade de destacar o humor das situações.

Os aspetos económicos e políticos de Portugal durante a ditadura de Salazar (pobreza nas zonas rurais, a censura, a PIDE, a guerra colonial...), a revolução do 25 de Abril de 1974 e a emigração (os contrabandistas, o *bidonville* de Champigny-sur-Marne, os comerciantes do “regime de cama quente”, etc) também são temas presentes em *Dona Zezinha*.

Assim, através desta narrativa, são na verdade duas histórias que Altina Ribeiro nos propõe: uma mãe que se bate contra ventos e marés, para que o filho tenha um futuro à medida das suas esperanças, e a história de milhares de homens e mulheres que, nos anos 1960-70, tomam o caminho da emigração para escapar à guerra colonial, à ditadura e à pobreza. Mais do que a história de uma vida, *Dona Zezinha* é também a história de uma geração vivendo entre duas margens, entre duas memórias.

Dominique Stoenesco

Professor de Português aposentado

Prefácio

Já tinha dado conhecimento da existência deste livro no blogue *Vilar Maior, minha terra minha gente*. Recentemente, tive uma longa e agradável conversa com a autora, que teve a gentileza de me enviar o livro em francês. No dia em que o recebi, li-o como um romance que tem um sabor diferente, pelo conhecimento direto das personagens e dos lugares.

A história de uma mãe e de um filho, Dona Zezinha e Alexandre, a que se acrescenta o pai, o Senhor Raúl e Adelina, irmã de Alexandre, falecida na infância. Depois, acrescenta-se a família alargada: os pais de Dona Zezinha e a sua madrinha, dona de uma pensão no Sabugal, que a tomou como sua filha e que lhe deu atenção e carinho, os pais e irmãos do Senhor Raúl, uma família urbana a viver numa comunidade rural.

O livro gira à volta da relação de uma mãe rígida e austera que quer o melhor para o filho, e que, com a obsessão de o tornar o melhor aluno, lhe nega o mais importante: o amor concretizado no carinho e a liberdade materializada no brincar.

Dona Zezinha colocava acima de tudo a sua profissão, desempenhada no contexto dos valores do Estado Novo.

O livro é uma história dentro da História. Começa na Primeira

Guerra Mundial, com o cocheiro que leva o correio da Guarda para o Sabugal, o seu casamento com Maria da Graça e o nascimento de Maria José, que viria a ficar órfã aos quatro anos, com a mãe sem saber o que fazer à vida. Valeu-lhe a madrinha Adelina, que tinha a pensão no Sabugal, onde Maria José cresce a ver aparecer e desaparecer muita gente importante.

Fez a quarta classe como aluna tão distinta e ilustre que, anos mais tarde, lhe haveria de valer a convocação para regente escolar, estreando-se nessa função na Arrifana do Côa onde, a tão invulgar acontecimento, muita gente ocorreu, entre eles, Raúl Araújo. Ali nasceu um amor cuja união seria celebrada em 1942, alojando-se o casal numa parte da casa da ilustre família Araújo. Em 1951, nasce Alexandre, dando continuidade ao nome de seu avô e de seu bisavô.

O périplo de Dona Zezinha prossegue agora com Alexandre, de aldeia em aldeia, na sua missão de ensinar a ler, a escrever e a contar, que, juntamente com a inculcação dos valores Deus, pátria e família, completariam o currículo. O futuro é indecifrável e o princípio da década de sessenta trouxe muitas novidades: Dona Zezinha estava agora na escola primária de Vilar Maior, num edifício acabado de construir, ao abrigo do Plano dos Centenários; Raúl, amparado no magro vencimento da regente, farto de vida sem horizonte, fez como os pobres e mal remediados fizeram, deu o salto para França; Alexandre, finalmente, deixava a mãe, a caminho do seminário de Beja, onde o fui encontrar um ano depois. Longe da mãe, no Seminário, Alexandre não iria encontrar nem amor, nem liberdade. Ainda não tinham passado dois anos e já o Padre Gaudêncio, reitor do seminário, figura distinta, dava a pior das notícias à mãe “O Alexandre tem de abandonar o seminário, porque não tem vocação”.

Nova fase de vida do Alexandre, agora num colégio interno da

Guarda, o Colégio de São José, dirigido por padres, que pouco diferia do seminário. Porém, Alexandre crescia e contra a rigidez disciplinar ousou experimentar o sabor do desafio e da desobediência. Gostou e criou amigos.

O princípio da década de sessenta também trouxe as guerras do Ultramar, que se alimentavam da juventude. Dona Zezinha, embora defensora da pátria e do império, vivia acabrunhada só de pensar que o seu menino, cada vez mais próximo da idade de soldado, pudesse ir para a guerra. Assim, arquiteta um plano para Alexandre ir passar as férias a Paris, com o pai. Chega, e este, que não sabia da vinda do filho, não estava. Levam-no para o *bidonville* de Champigny, e fica incrédulo sobre como é possível habitar ali. Depois, passa a viver com o pai, que trabalhava longe e que só via ao fim de semana. Encontros e desencontros, portas fechadas, outras entreabertas, vai-se acertando com a realidade.

Dona Zezinha, por cá, sem o seu Alexandre e sem Raúl, perde o amor à profissão. Tira o passaporte e vai ter com eles a França. Como é preciso ganhar a vida, mesmo num ofício que não se gosta, tornou-se porteira.

Uma história que começa nos princípios da República, passa por duas guerras mundiais, por quarenta anos do salazarismo, pelas guerras coloniais, pelo êxodo migratório e, felizmente, pelo 25 de Abril.

Júlio Marques

Professor de Filosofia aposentado

Este livro é dedicado a Carlos Alexandre que partiu a caminho
da sua estrela no dia 31 de agosto de 2019.

*Muito obrigada, Carlos, por teres partilhado comigo a tua linda história.
Nunca esquecerei a tua amizade, o teu apoio constante, a tua admiração,
o teu sentido de humor, a tua generosidade, a tua empatia, os teus conselhos
preciosos, os teus desabafos, e as tuas batalhas.
Infelizmente, perdeste a última...*